

# QUATRO POEMAS

EDUARDO PITTA

1

Gosto da claridade penumbrosa  
de adolescentes indecisos.

Gosto deles assim lentos  
inaptos, vorazes, sedentos  
de um pouco de mel, de um pouco de sal,  
do labor meticuloso e da antiquíssima  
sabedoria de outras mãos.

Anjos devastados, senhores  
do caos, aprendem a dureza  
e a lonjura dos caminhos da memória.

O primeiro dos vinhos, bebido  
da ânfora para a boca, demasiadamente,  
alerta-os:

eles sabem agora de regressar no tempo  
às palavras e aos jogos de antigamente.

Cumprem-se. E ninguém suspeita de nada.

2

Abandonado e lento como um rio, o corpo  
volátil, o rosto suspenso, o ventre liso  
e a perna arqueada.

Progressão nítida, devagarosa, pela  
coluna adiante.  
Silentemente.

Até sacudir as águas mais altas  
e vazar na largueza do estuário todo.

3

Nomearas o inominável: ternura tanta a levedar  
na polpa dos meus dedos. Uma vontade muito branca  
e muito antiga para o crime. Os dentes nas espáduas.

Contenção de espelhos: as espadas todas acesas nos  
nevoeiros de Setembro. Palavras nítidas, velozes, a  
clareza rente à terra. Palavras incendiadas, mesmo  
as de água. Exorbitadas, de uma crueldade sedosa,  
diluindo-se pelo romper do dia  
— e delas devir em pedra.

Veredas, muitas, lambidas pelo fogo. Um brilho fugaz no  
ar. Um perfil de árvores nuas, dispersas, austeras,  
adiadas. O vento, implacável, de uma doçura de lâmina.

4

As crianças surgem, rápidas, na sombra da manhã. Trazem ar  
bustos e medos. Dedos e uma memória de vidro fosco. A boca  
iluminada, a disponibilidade dos rins. Vontade tamanha para  
o fogo.

Surgem deslumbradas: um devasso volutear  
uma inteireza toda. Absorvem-nos, híbridas,  
vorazes. Imperecíveis jogadoras.  
E estão.